



DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO

Não deixe de preencher as lacunas a seguir.

Prédio	Sala

Nome

Nº de Identidade	Órgão Expedidor	UF	Nº de Inscrição

PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

ATENÇÃO

- ☐ Abra este Caderno, quando o Fiscal de Sala autorizar o início da Prova.
- ☐ Observe se o Caderno está completo. Ele deverá conter 40 (quarenta) questões objetivas de múltipla escolha com 05 (cinco) alternativas cada, sendo 10 questões de Fundamentos da Educação e 30 questões de Conhecimentos Específicos.
- ☐ Se o Caderno estiver incompleto ou com algum defeito gráfico que lhe cause dúvidas, informe, imediatamente, ao Fiscal.
- ☐ Uma vez dada a ordem de início da Prova, preencha, nos espaços apropriados, o seu Nome completo, o Número do seu Documento de Identidade, a Unidade da Federação e o Número de Inscrição.
- ☐ Para registrar as alternativas escolhidas nas questões da prova, você receberá um Cartão-Resposta. Verifique se o Número de Inscrição impresso no cartão coincide com o seu Número de Inscrição.
- ☐ As bolhas do Cartão-Resposta devem ser preenchidas, totalmente, com caneta esferográfica azul ou preta.
- ☐ Você dispõe de 4 horas para responder toda a Prova – já incluído o tempo destinado ao preenchimento do Cartão-Resposta. O tempo de Prova está dosado, de modo a permitir fazê-la com tranquilidade.
- ☐ Você só poderá retirar-se da sala 2 (duas) horas após o início da Prova.
- ☐ Preenchido o Cartão-Resposta, entregue-o ao Fiscal juntamente com este Caderno e deixe a sala em silêncio.

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

01. Quais dos itens abaixo expressam a função social da escola?

- I. Instituir a cidadania.*
- II. Ajudar as crianças a se integrarem na comunidade.*
- III. Conferir à escola importância estratégica para a melhoria da sociedade*
- IV. Colaborar para o convívio com os diversos seres sob uma mesma regra.*
- V. Contribuir para a convivência ética e fraterna.*

Estão corretas as afirmativas

- A) I, III e IV apenas. B) II e IV apenas. C) I, II e III apenas. D) I, II e V apenas. E) I, II, III, IV e V.

02. Na política educacional recente, existe uma tendência à recentralização das decisões na esfera federal. É possível identificar esta tendência através da(s)

- I. legislação educacional recente e das transferências financeiras.*
- II. globalização e internacionalização das economias.*
- III. transferências financeiras e do controle de resultados do ensino-aprendizagem.*
- IV. autonomia das escolas públicas.*
- V. mudanças no sistema de gestão escolar.*

Estão(á) corretas(a)

- A) I e II. B) apenas a II. C) apenas a III. D) III e IV. E) I, II, III, IV e V.

03. Assinale a alternativa correta.

- A) A gestão da escola cidadã requer a construção de novas práticas democráticas.
B) A gestão democrática tem sua origem nas teorias clássicas de administração.
C) Na gestão da escola cidadã, o planejamento é individual, e o conhecimento é segmentado.
D) Na escola cidadã, o poder é um processo dinâmico, mas sem a intersubjetividade dos atores.
E) Uma gestão burocrática de educação tem seu eixo central no materialismo-histórico.

04. Dos itens abaixo, quais são indicadores de uma gestão escolar democrática?

- I. A autonomia escolar e a descentralização de poder.*
- II. A representatividade social dos Conselhos e Colegiados.*
- III. O controle social da gestão educacional.*
- IV. A escolha dos dirigentes escolares por processo de eleição.*
- V. A inclusão de todos os segmentos da comunidade escolar.*

Estão(á) corretas(a) as(a) afirmativas(a)

- A) I, III e V apenas. B) apenas a I. C) apenas a IV. D) I, II e IV apenas. E) I, II, III, IV e V.

05. Na perspectiva social-construtivista, o educador professor pode ser compreendido, enquanto um ser que

- A) facilita ou orienta a prática educativa e aprende com o aluno.
B) transmite os conteúdos através da transposição.
C) segue um modelo de prática pedagógica cartesiana.
D) estuda sistematicamente como ocorre o conhecimento.
E) possui neutralidade política.

06. O novo paradigma educativo propõe:

- | | |
|-------------|---|
| I. | <i>descentralização, negociação, diálogo.</i> |
| II. | <i>cooperação e interdependência.</i> |
| III. | <i>autocentrismo e conhecimento.</i> |
| IV. | <i>eliminação de conflitos.</i> |
| V. | <i>competição e centralização.</i> |

Estão(á) corretas(a)

- A) I e V. B) II, III e IV. C) I e II. D) III e V. E) I, II, III, IV e V.

07. São características do sistema educacional brasileiro em sua origem:

- A) caráter agroexportador e cultura escravocrata.
B) o militarismo com mecanismos de dominação.
C) cultura escravocrata e militar.
D) escola sem dicotomias.
E) cultura liberal e democrática.

08. Considerando que a avaliação da aprendizagem é um processo em que cabem vários procedimentos, podemos incluir no seu planejamento:

- | | |
|-------------|--|
| I. | <i>Análise da produção escolar dos alunos.</i> |
| II. | <i>Análise de documentos.</i> |
| III. | <i>Entrevistas.</i> |
| IV. | <i>Participação dos alunos nos planos de trabalho.</i> |
| V. | <i>Observação das atitudes dos alunos.</i> |

Estão(á) corretas(a)

- A) I, II e V apenas. B) II, III e IV apenas . C) apenas a I. D) apenas a IV. E) I, II, III, IV e V.

09. A ação pedagógica desdobra-se nos seguintes aspectos:

- A) o professor, a sala de aula, os recursos da aprendizagem.
B) as estratégias metodológicas, as relações familiares e as relações afetivas.
C) as estratégias avaliativas e a sala de aula.
D) o professor, a sala de aula, os recursos de aprendizagem, a avaliação e a metodologia.
E) a avaliação, a sala de aula, a metodologia, as relações familiares.

10. O desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais são exigências para um bom trabalho em sala de aula. Os docentes com tais habilidades apresentam as seguintes características:

- | | |
|-------------|---|
| I. | <i>equilíbrio pessoal e afetivo-emocional.</i> |
| II. | <i>possui figuras significativas dentro e fora da escola.</i> |
| III. | <i>controla suas emoções e impulsividades.</i> |
| IV. | <i>possui perspectivas de futuro, principalmente em termos profissionais.</i> |
| V. | <i>valoriza a profissão, manifesta alterações constantes de humor.</i> |

Estão corretas as afirmativas

- A) I e IV apenas.
B) II, III e V apenas.
C) I, II, III e IV apenas.
D) II, III, IV e V apenas.
E) I, II, III, IV e V.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Leia o TEXTO I antes de responder as questões de 11 a 20.

TEXTO I

A diferença

O marketing venceu mais uma: está na última moda dizer que algo ou alguém que se destaque da multidão por suas qualidades extraordinárias é diferenciado. De repente todo mundo quer ser diferenciado, embora, curiosamente, ninguém queira ser diferente. Diferenciar ‘diferente’ e ‘diferenciado’ tornou-se uma habilidade básica, que a maioria de nós exerce de forma intuitiva, sem pensar. Se formos pensar, porém, vamos descobrir que a diferença entre diferente e diferenciado pressupõe valores que boa parte de nós teria vergonha de assumir.

(...) Ninguém tem dúvida quando se anuncia que o atendimento prometido pelo gerente daquele banco é diferenciado: quer dizer que não se confunde com o tratamento-padrão dispensado à massa dos clientes otários, incluindo cafezinho, água gelada e, quem sabe, dicas de investimento vazadas diretamente da mesa de operações do Banco Central. O privilégio nos parece apenas natural porque também nós somos, a nossos próprios olhos, diferenciados. Aliás, diferenciadíssimos.

Já diferente, bem, é uma história inteiramente diferente. Desde que os primeiros hominídeos se juntaram numa tribo e decretaram que míopes e carecas não entravam, a diferença é tudo aquilo que grupos sociais hegemônicos usam para excluir ou subjugar minorias — e ao mesmo tempo reforçar sua identidade. Localizado no corpo ou na alma, real ou imaginário, o anátema da diferença justifica lógicas de dominação e até extermínio. Diferentes foram, através do tempo, cristãos no Império Romano, muçulmanos em países cristãos, negros no novo mundo, judeus em quase todo lugar. Ah, sim, e loucos e homossexuais em qualquer tempo.

Ser diferente é o fim da picada, é ter negado o direito à humanidade ou pelo menos à humanidade plena. (...) O preço da diferença é alto. Não é de espantar que estejamos todos cada vez mais iguais, fazendo fila para comprar (...) um tênis que os marqueteiros garantem ter sido baseado no design do Porsche de James Dean, um produto realmente diferenciado! Também não espanta que países como Quênia e Uganda tenham sido obrigados a proibir a venda de cremes e sabonetes embranquecedores, tamanha a febre de consumo entre as mulheres africanas, assoladas por grave surto de bolhas e urticárias. Triste, não? No espelho da globalização até o etnicamente igual fica diferente — diferente de algum modelo ideal.

(.....)

(Adaptado de RODRIGUES, Sérgio. In: *Mascando Clichê*. Publicado no *Jornal do Brasil*, 19 ago. 2001.)

11. O TEXTO I apóia suas reflexões na distinção entre as palavras ‘diferente’ e ‘diferenciado’ que, apesar de tão semelhantes, podem ter significação diversa. Assinale a alternativa a seguir que indica CORRETAMENTE a classe de palavras a que pertencem as duas palavras e a significação que, segundo o autor, corresponde a cada uma delas.

- A) As duas palavras são adjetivo e, no TEXTO I, qualificam, respectivamente, algo que ‘foge a um padrão ideal’ e algo que ‘segue um modelo esperado’.
- B) As duas palavras são adjetivo e, no TEXTO I, assumem a significação de ‘semelhante’ ou ‘modelar’ e ‘diverso’ ou ‘variado’ respectivamente.
- C) As duas palavras são substantivo e, no TEXTO I, assumem a significação de ‘modelo’ ou ‘padrão’ e ‘semelhança’ ou ‘uniformidade’ respectivamente.
- D) As duas palavras são substantivo e, no TEXTO I, indicam um ser que ‘foge a um modelo/padrão esperado’ e algo que ‘se distingue e surpreende positivamente’.
- E) As palavras são adjetivo e substantivo respectivamente e, no TEXTO I, significam, ao mesmo tempo, a ‘repetição de um modelo’ e ‘um modelo novo’, conforme o contexto em que são usadas.

12. O recurso fundamental para o processo de significação no TEXTO I é o uso da

- A) referência literal.
- B) polissemia.
- C) ironia.
- D) relação causa/consequência.
- E) intertextualidade.

13. Todas as alternativas a seguir são fragmentos que exemplificam, adequadamente, o recurso apontado como fundamental para o processo de significação do TEXTO I na questão anterior, EXCETO.

- A) “De repente todo mundo quer ser diferenciado, embora, curiosamente, ninguém queira ser diferente”(1º parágrafo).
- B) “...um tênis que os marqueteiros garantem ter sido baseado no *design* do Porsche de James Dean, um produto realmente diferenciado!” (4º parágrafo).
- C) “Ser diferente é o fim da picada, é ter negado o direito à humanidade ou pelo menos à humanidade plena” (4º parágrafo).

- D) "...o tratamento-padrão dispensado à massa de clientes otários, incluindo cafezinho, água gelada e, quem sabe, informações vazadas diretamente da mesa de operações do Banco Central" (2º parágrafo).
- E) "Localizado no corpo ou na alma, real ou imaginário, o anátema da diferença justifica lógicas de dominação e até de exterminio" (3.º parágrafo).

14. Analise as afirmações a seguir.

- I.** Em "No espelho da globalização até o etnicamente igual fica diferente — diferente de algum modelo ideal" (4.º parágrafo), a metáfora do espelho serve como um paralelo para uma discussão sobre variação lingüística e preconceito lingüístico.
- II.** Em "Diferenciar 'diferente' e 'diferenciado' tornou-se uma habilidade básica, que a maioria de nós exerce de forma intuitiva, sem pensar" (1.º parágrafo). É também intuitivamente, sem pensar, que a maioria de nós reforça muito do que se convencionou chamar de preconceito lingüístico.
- III.** A passagem "O preço da diferença é alto. Não é de espantar que estejamos todos cada vez mais iguais" (4.º parágrafo), pode ser usada para a discussão sobre normatização lingüística e sobre o ideal de homogeneidade nunca atingido no uso da língua.

Assinale a alternativa correta.

- A) Todas as afirmações são corretas.
- B) Apenas I e II são afirmações corretas.
- C) Apenas I e III são afirmações corretas.
- D) Apenas II é uma afirmação correta.
- E) Apenas III é uma afirmação correta.

15. Um professor de língua portuguesa atualizado com as discussões sobre a relação entre 'norma lingüística', 'variação lingüística' e 'preconceito lingüístico' encontraria, no TEXTO I, um paralelo, para explorar questões como as apresentadas nas alternativas a seguir, EXCETO.

- A) O uso modelar da língua encontra paralelos na sociedade de massa, que busca impor um ideal de comportamento, inclusive lingüístico, como modelo a ser seguido e consumido por todos.
- B) O estabelecimento de um ideal lingüístico e de um ideal social é fruto de um raciocínio sufocante e homogeneizador que despreza a pluralidade da expressão verbal e o comportamento original.
- C) A sociedade regula os sujeitos com um ideal de comportamento; na língua, isso se estabelece através de um padrão e uma matriz valorativa impostos para o exercício da expressão verbal.
- D) A gíria, originalmente concebida como uma forma de expressão 'diferente' na língua, é freqüentemente assimilada pelo público em geral, na busca de um uso 'diferenciado' da língua.
- E) Assim como o comportamento social que desvia do padrão sofre sanções, a expressão lingüística 'diferente' é deficitária, por isso é objeto de avaliação negativa dos falantes cultos.

16. Partindo da discussão deste fragmento do TEXTO I: "a diferença é tudo aquilo que grupos sociais hegemônicos usam para excluir ou subjugar minorias", as alternativas a seguir representam uma inferência que deve ser privilegiada numa aula de Língua Portuguesa atualizada com o debate crítico da área, EXCETO.

- A) O que existe em termos de uso da língua são sempre diferenças, pois não existe um padrão único para todos os tempos de uma língua, assim como não existe uma expressão não padrão que seja, por sua vez, homogênea.
- B) O que determina o prestígio de uma variedade sobre a outra, e sua eleição como padrão está mais intimamente relacionado ao prestígio daqueles que a detêm do que a alguma característica lingüística intrínseca a essa variedade.
- C) As razões pelas quais não se aprende ou se aprende, mas não se usa o dialeto-padrão, são alimentadas pela convergência de valores sociais dominantes e pelo efeito silenciador desse tipo de dominação que encontra no aparelho escolar um lugar privilegiado.
- D) Uma variedade ou língua ocupa um lugar superior na estratificação lingüística social, na medida em que suas características sejam lingüisticamente boas ou ruins. Essa língua ou variedade de prestígio merece maior atenção que as outras, porque precisam ser veiculadas a todos.
- E) Muitas vezes, um aluno não consegue aprender nem usar o dialeto-padrão de sua língua, porque as estratégias escolares que se apresentam com esse fim baseiam-se, em geral, na perspectiva de que algo falta a esse aluno.

17. Para se fazer um paralelo entre o TEXTO I e o ensino da Língua Portuguesa, o CORRETO é

- A) aceitar as carências da linguagem do aluno, compreendendo os limites que ele tem em aprender a norma-padrão.
- B) apresentar a norma-padrão como a melhor forma de expressão lingüística dentre os diversos níveis de uso da língua.
- C) corrigir as variantes da língua portuguesa com o treinamento das expressões legítimas do uso padrão da língua.
- D) conhecer os dialetos de menor prestígio e utilizá-los como ponte na aprendizagem dos usos prestigiados da língua.
- E) impedir que os alunos usem dialetos de menor prestígio, vinculando seu uso e o fracasso no contexto social.

18. Qual das alternativas a seguir representa a resposta de um professor atualizado com as discussões metodológicas do ensino de língua portuguesa?

- A) As palavras ‘hominídeo’, ‘anátéma’ e ‘hegemônico’ aparecem acentuadas no TEXTO I, porque todas as proparoxítonas são acentuadas.
- B) As palavras ‘hominídeo’, ‘anátéma’ e ‘hegemônico’ aparecem acentuadas no TEXTO I, porque a primeira é uma paroxítona terminada em ditongo, e as outras duas são proparoxítonas.
- C) As palavras ‘hominídeo’, ‘anátéma’ e ‘hegemônico’ aparecem acentuadas no TEXTO I, porque todas as palavras eruditas são acentuadas.
- D) As palavras ‘hominídeo’, ‘anátéma’ e ‘hegemônico’ aparecem acentuadas no TEXTO I, porque a primeira e a segunda são oxítonas, e a terceira é uma proparoxítona.
- E) Para um professor atualizado em metodologia do ensino de português, a acentuação das palavras ‘hominídeo’, ‘anátéma’ e ‘hegemônico’, no TEXTO I, não é um tema a ser tratado.

19. Observe que, na indicação da fonte de onde foi extraído o TEXTO I, aparece a expressão “*Mascando clichê*”. A respeito dessa expressão, é CORRETO afirmar que

- I. a expressão “*mascando clichê*” evoca seu paralelo “*mascando chiclê*” (= *mascando chicletes*), mas esse paralelo é apenas fonético, pois não se pode perceber nenhuma intenção significativa como resultante da troca de ‘*chiclê*’ por ‘*clichê*’ nessa expressão.
- II. o clichê, em sua origem, nomeava uma “placa de metal gravada fotomecanicamente em relevo, destinada à impressão de imagens e textos em prensa tipográfica”. Hoje em dia, a recorrência a esse vocábulo guarda o significado de “lugar-comum” ou “frase feita”.
- III. o trocadilho evidenciado na expressão “*mascar clichê*” chama o leitor para a necessidade de fugir ao significado desgastado das palavras que, de tão repetidas, chegam a ficar esvaziadas de sentido.

Assinale a alternativa correta.

- A) Apenas I está correta.
- B) Apenas II está correta.
- C) Apenas III está correta.
- D) Apenas I e II estão corretas.
- E) Apenas II e III estão corretas.

20. Considerando a diversidade de usos da palavra “*clichê*”, qual das alternativas a seguir representa o sentido dessa palavra na expressão “*mascando clichê*” conforme seu uso no TEXTO I.

- A) “Chavão”.
- B) “Chapa”.
- C) “Molde”.
- D) “Matriz”.
- E) “Cópia”.

Leia o TEXTO II antes de responder as questões de 21 a 30.

TEXTO II

Defendendo o gerundismo

Minha atenção para o chamado gerundismo foi despertada há algum tempo pelos que imaginam que tudo aquilo de que eles não gostam é necessariamente ruim ou errado. O que mais se ouve são reações quase histéricas – “*mau gosto, fere os ouvidos, não desce*” – ou explicações fajutas – “*é importação descarada do inglês, macaqueação*”, desconsiderando o fato crucial de que os principais usuários de “gerundismos” não sabem inglês, não lêem inglês nem viajam aos países de língua inglesa. Por esta razão, vale a pena analisar o fenômeno de outros ângulos.

Para começar, eu diria que, se os puristas não gostam, deve ser interessante. Se, além disso, acham que a construção não serve para nada, alguma serventia deve ter. (...) É bom fazer uma distinção crucial: uma coisa é alguém gostar ou não de uma construção nova qualquer. Isso é simples democracia. Outra é achar que não é português ou que não serve para nada. Em geral, juízos assim denotam falta de análise. (...)

Considere-se primeiro a sintaxe da construção. A ordem dos verbos auxiliares é perfeitamente canônica. Sabe-se que eles vêm sempre antes do principal (como em *vou sair*). Se houver mais de um auxiliar na mesma construção, haverá ordens permitidas e outras proibidas (tenho estado viajando, mas não **estive tendo viajado*; vou estar saindo, mas não **estarei indo sair*). Além disso, cada auxiliar pede que o verbo seguinte tenha uma forma específica, ou melhor, não aceita qualquer forma do verbo seguinte. Assim, o verbo *ir* pede um infinitivo: *vou sair*, mas não **vou saído*. O verbo *estar* pede um gerúndio (ou particípio): *estar dormindo*, *estar vestido*, mas não **estar dormir*. Em resumo, a tal construção está em perfeito acordo com a sintaxe do português: sua ordem é *ir + estar + -ndo*. Portanto, do ponto de vista estritamente sintático, não há nada demais com o chamado gerundismo. Sua estrutura é perfeitamente regular: cada verbo está na posição e na forma em que deveria estar se, ao invés de aparecer numa trinca, aparecesse numa dupla (*vou sair, vou estar, estou dormindo, estar dormindo*).

Vejam agora o que a construção significa. (...) a forma com estar + gerúndio veicula um aspecto durativo, ou seja, expressa um evento que não é instantâneo. Para que a menção de 'aspecto durativo' não pareça estranha, relembre-se de que o imperfeito do indicativo, uma forma bem conhecida, apresenta esse mesmo efeito de sentido: formas verbais como amanhecia e pintava referem-se a eventos ou ações que não são instantâneas, que têm alguma duração.

Ora não só os morfemas (desinências) verbais indicam aspecto: às vezes, ele faz parte da semântica da própria palavra. Por exemplo: dormir, estudar (no sentido de fazer um curso), morar (em uma cidade) são durativos. Estar também é durativo: é um verbo de estado, de estado transitório (...). Nem todos os verbos são durativos, evidentemente: enviar, providenciar, decidir, entre centenas de outros, não o são (e nenhum dicionário informa...). Se não considerarmos o aspecto dos verbos, não entenderemos por que um caso de 'gerundismo' pode ser normal e outro não. É por causa do tal aspecto durativo que não é a mesma coisa dizer vou dormir e vou estar dormindo. A diferença está exatamente entre ir (que marca só futuro) e ir+ estar (que marca futuro, por causa de ir, e duração, por causa de estar). Uma informação como vou estar providenciando, que ouvimos eventualmente da empresa de cujos serviços estamos reclamando, significa, entre outras coisas, que a providência não será instantânea...

Além disso, e essa é outra questão, o compromisso expresso em vou providenciar é mais incisivo do que em vou estar providenciando. Mais ou menos como é mais incisivo dizer providenciarei do que dizer vou providenciar. (...)

Além desses dois, há outro efeito de sentido importante, agora de cunho pragmático ou interpessoal. A construção gerundiva conota gentileza, formalidade, deferência (se verdadeira ou simulada, não importa). Ou seja: bem ou mal, mesmo que se trate de postergar um serviço urgente, deve-se reconhecer que a recusa, pelo menos, é expressa de forma não grosseira (nem mesmo franca, de fato). Suponhamos que seja verdade que o fenômeno começou a se espalhar a partir do telemarketing. Isso só confirmaria a análise. À qual categoria interessa mais ser ou parecer gentil? De quebra, a fórmula é também menos comprometedora: se uma empresa diz que enviará, você pode esperar pelo produto; se disser que vai entregar, duvide um pouco; mas, se disser que vai estar entregando, desista...

Além dos aspectos acima, seria certamente interessante investigar se a enorme aceitação dessa nova locução não se deve a uma cultura da falta de compromisso, que, eu acho, caracteriza nossa sociedade atualmente. Não seria a primeira vez que se estabelece uma relação estreita entre um aspecto da língua e um traço de cultura ou de ideologia. (...)

Os argumentos acima poderiam ser suficientes para calar a boca dos que simplesmente dizem que gerundismo não é português, que é de mau gosto, etc. Mas há outras questões interessantes a serem consideradas, que mostram que aquelas afirmações são fruto de análises fajutas. Considerando outros dados, pode-se mostrar que o problema não é, de fato, o gerúndio, ou seja, que o fenômeno nem deveria ser chamado de 'gerundismo', se houvesse maior precisão. O que causa reação é a construção que envolve o verbo estar seguindo outro auxiliar (em geral ir). Ou seja, para que a construção seja renegada, é preciso que ela tenha a forma ir + estar + gerúndio. Observe-se que, em tese, nada obriga a chamar a isso de gerundismo. (...) se os críticos quisessem ser mais exatos, deveriam chamar o fenômeno de 'estarismo'...

Mas isso deveria significar que não há nada de estranho no dito gerundismo? Também não é assim. Há dois problemas, a meu ver. Um diz respeito à eventual incompatibilidade entre o sentido durativo do verbo estar e a ausência de tal sentido no verbo principal. Ou seja, se a construção estar + gerúndio incluir um verbo com o traço de duração ou de processo em seu sentido, ela será perfeitamente normal. É que, se estar é um verbo auxiliar durativo, só pode(ria) ocorrer com verbos durativos. Ocorrendo com outros, o resultado causa estranheza, é uma espécie de paradoxo. É por isso que vou estar morando em São Paulo não é uma construção estranha, mas vamos estar enviando seu novo cartão é. A explicação é que morar é durativo, e enviar não. (...)

A outra razão para o gerundismo parecer um 'vício' é que o número de ocorrências é realmente grande. A meu ver, mais do que ser correto ou não, o gerundismo é chato (e tem que ver, eu acho, com a falta de compromisso).

(Adaptado de **POSSENTI**, Sírio. In: *Discutindo Língua Portuguesa*. Ano 1, n.º 1, out-nov, 2005).

21. As reações espontâneas contra o uso do que se convencionou chamar de *gerundismo*, como as que figuram no TEXTO II, denotam o quanto todo falante traz consigo em grau diverso, mas, nunca nulo, a capacidade de se inserir em sua comunidade lingüística de forma produtiva, inclusive fazendo avaliações sobre o bom e o mau uso da língua. Essas avaliações, no entanto, se distinguem das análises apresentadas pelo autor, porque

- A) estudar os recursos gramaticais da língua para fins expressivos, estéticos ou persuasivos é uma habilidade que só interessa aos especialistas da língua.
- B) os especialistas avaliam a língua como uma realidade formal e o falante nativo em sua conformação sócio-comunicativa, o que resulta em análises diferentes.
- C) para atingir a capacidade reflexiva, o especialista precisa esquecer sua intuição de falante nativo e investir nas explicações dos fenômenos lingüísticos.
- D) o especialista se desloca de sua condição de falante nativo para olhar a língua como objeto de estudo e construir, assim, um saber formalizado sobre ela.
- E) para os especialistas, a capacidade de uso da língua já é condição suficiente para o desenvolvimento da reflexão sobre a realização da linguagem humana.

22. Conforme destacado pelo autor do TEXTO II, as avaliações negativas dadas espontaneamente pelos falantes a respeito do que se convencionou chamar de “*gerundismo*”, estão representadas nas alternativas a seguir, EXCETO.

- A) O “*gerundismo*” é de mau gosto.
- B) O “*gerundismo*” fere os ouvidos.
- C) O “*gerundismo*” é um “*estarismo*”.
- D) O “*gerundismo*” não desce.
- E) O “*gerundismo*” é importação do inglês.

23. O autor do TEXTO II faz um alerta para o fato de que, muitas vezes, o falante realiza, apressadamente, uma avaliação que não se confirma nas análises dos especialistas. Para ele, é isso que tem ocorrido na recepção negativa das expressões caracterizadas pelo “*gerundismo*”. Depois de suas análises, o autor sugere a seguinte conclusão:

- A) O gerundismo só é aceito por falantes com alto nível de letramento.
- B) O gerundismo é esteticamente ruim e gramaticalmente errado.
- C) O gerundismo só é aceito nas situações de uso informal da língua.
- D) O gerundismo é tranquilamente entendido pelos que detêm os códigos do telemarketing.
- E) O gerundismo é enfadonho, porque caracteriza uma atitude descomprometida do locutor.

24. Todas as alternativas a seguir representam um argumento do autor do TEXTO II para a necessidade de se estudar mais a fundo o uso do chamado “*gerundismo*”, EXCETO.

- A) “...uma coisa é alguém gostar ou não de uma construção nova qualquer. Isso é simples democracia. Outra é achar que não é português ou que não serve para nada. Em geral, juízos assim denotam falta de análise” (2º parágrafo).
- B) “...se uma empresa diz que enviará, você pode esperar pelo produto; se disser que vai entregar, duvide um pouco, mas se disser que vai estar entregando, desista” (7º parágrafo)
- C) “O que mais se ouve são reações quase históricas – “mau gosto, fere os ouvidos, não desce” – ou explicações fajutas – “é importação descarada do inglês, macaqueação”, desconsiderando o fato crucial de que os principais usuários de “gerundismos” não sabem inglês” (1º parágrafo).
- D) “...tal construção está em perfeito acordo com a sintaxe do português: sua ordem é ir+ estar+ -ndo. Portanto, do ponto de vista estritamente sintático não há nada demais com o chamado *gerundismo*” (3º parágrafo).
- E) “...se os puristas não gostam, deve ser interessante. Se, além disso, acham que a construção não serve para nada, alguma serventia deve ter” (2º parágrafo).

25. Como demonstrado no TEXTO II, a análise da estrutura do *gerundismo* não confirma as avaliações intuitivas daqueles que atacam o seu uso. Diante disso, qual das alternativas a seguir representa a explicação dada pelo autor para o sentimento de rejeição que recai sobre essa estrutura?

- A) O *gerundismo* é um tipo de vício de linguagem.
- B) O *gerundismo* é um padrão sintático típico do telemarketing.
- C) O *gerundismo* fere o padrão morfológico da língua.
- D) O *gerundismo* é uma expressão mal compreendida.
- E) O *gerundismo* denota falta de compromisso.

26. Considere a característica predominante na construção dos parágrafos do TEXTO II, para, em seguida, enumerar a segunda coluna de acordo com a primeira.

- | | |
|--|-------------------|
| A- Justificativa do estudo do tema “ <i>gerundismo</i> ” | () 1º parágrafo |
| B- Analisa o “ <i>gerundismo</i> ” no nível morfológico | () 2º parágrafo |
| C- Analisa o “ <i>gerundismo</i> ” no nível sintático | () 3º parágrafo |
| D- Analisa o “ <i>gerundismo</i> ” no nível semântico | () 4º parágrafo |
| E- Analisa o “ <i>gerundismo</i> ” no nível pragmático | () 5º parágrafo |
| | () 6º parágrafo |
| | () 7º parágrafo |
| | () 8º parágrafo |
| | () 9º parágrafo |
| | () 10º parágrafo |
| | () 11º parágrafo |

Assinale a alternativa que contém a correlação correta.

- A) A, A, B, B, C, C, A, D, E, E, E.
- B) E, E, B, D, D, D, E, C, B, E, A.
- C) E, A, E, A, E, C, C, C, D, D, D.
- D) A, E, C, D, B, C, C, D, B, A, A.
- E) A, A, C, D, D, D, E, E, C, D, E.

27. Como demonstrado no TEXTO II, alguns casos de “gerundismo” são perfeitamente aceitos e outros não. Qual das alternativas a seguir representa, segundo o autor, a explicação que suas análises propõem para esse fato?

- A) O contexto da enunciação.
 B) O aspecto do verbo.
 C) O significado da expressão.
 D) O compromisso do falante.
 E) O nível fonológico da língua.

28. Para o tratamento do Texto II na aula de português, conscientemente ou não, o professor estará sempre ativando um dos conceitos de língua apresentados na primeira coluna a seguir. Para posicionar-se diante de algumas dessas possibilidades, relacione a segunda coluna de acordo com a primeira.

- | | |
|--|--|
| A- Língua como expressão do pensamento. | () Essa concepção de língua favorece as análises que se esgotam na descrição de sua estrutura. |
| B- Língua como instrumento de comunicação. | () Com base nessa concepção, busca-se ir além da estrutura da língua para compreender os sentidos construídos e as condições de produção desses sentidos. |
| C- Língua como forma de interação. | () Concepção de língua que está na base da Gramática Tradicional. |
| | () Uma prática pedagógica que expressa esse princípio está considerando o sujeito e o contexto como categorias centrais nos estudos da língua. |
| | () O professor que considera um mundo ideal, constituído de mensagens perfeitas, atua nessa perspectiva. |

Assinale a alternativa que contém a correlação CORRETA.

- A) A, B, C, B, A. B) B, C, B, C, B. C) A, C, B, B, A. D) A, B, C, C, B. E) B, C, A, C, B.

29. Qual das alternativas a seguir representa a concepção de linguagem que está na base dos argumentos defendidos pelo autor do Texto II?

- A) A linguagem é um código estruturado e finito.
 B) A linguagem é o reflexo transparente do pensamento.
 C) A linguagem é uma atividade social situada historicamente.
 D) A linguagem é uma faculdade inata dos seres humanos.
 E) A linguagem é uma parte complexa dos estudos da norma.

30. Qual das alternativas a seguir é uma contribuição do TEXTO II para o ensino de português?

- A) As impressões intuitivas que todo falante tem de sua língua devem ser consideradas como ponto de partida, para, conforme o nível da turma, construir sistematizações a partir de critérios previamente definidos.
 B) Todo falante é capaz de fazer avaliações intuitivas de diversos fenômenos lingüísticos, e seus palpites devem ser respeitados nos diversos níveis de ensino como autoridade necessária e suficiente para decidir sobre as questões lingüísticas.
 C) Não podemos fazer quaisquer interpretações sobre a língua a partir das considerações assistemáticas dos falantes nativos, pois sua competência lingüística é duvidosa, para servir de apoio ao ensino formal.
 D) As intuições de falante nativo devem servir de ponto de partida em exercícios de compreensão da estrutura da língua apenas nos níveis elementares de ensino. Depois disso, essas intuições não têm com o que contribuir.
 E) Os falantes, em geral, efetuam avaliações sobre o que é certo ou errado, adequado ou inadequado no uso da língua, mas, para que a escola possa cumprir sua missão no estudo formal da língua escrita, essa intuição de falante deve ser domada.

Leia o TEXTO III antes de responder as questões de 31 a 40.

TEXTO III

Ninguém segura a língua

Analisar cientificamente uma língua não é nada fácil. Os lingüistas, que são os profissionais que se dedicam a essa tarefa, sabem disso muito bem, porque deparam o tempo todo com as inesgotáveis complexidades estruturais e funcionais da língua.

Para se ter uma idéia, basta lembrar que qualquer língua é uma realidade estrutural infinita. Entendamos bem isso: o número de sons da fala de que se serve uma língua é finito (em torno de três dezenas). O número de suas palavras (ainda que imenso) é finito (calcula-se que uma língua como o português tem algo em torno de meio milhão de palavras). O número de regras com as quais organizamos os enunciados é também finito (embora não tenhamos ainda idéia clara de sua quantidade). Apesar disso tudo, o número de enunciados possíveis numa língua é infinito.

Há um dizer clássico entre os lingüistas que resume bem essa propriedade das línguas humanas: a língua faz uso infinito de meios finitos. Até onde vai nosso conhecimento, nenhuma outra espécie animal dispõe de um sistema semiótico infinito como nós humanos.

Poderíamos supor que, sendo finitos os meios estruturais, bastaria que eles fossem descritos para alcançarmos uma apresentação científica completa de uma língua. No entanto, as coisas não são tão simples assim. Primeiro, porque a língua não se esgota em sua estrutura. Para analisá-la adequadamente, temos de considerar também seu funcionamento social.

Segundo, porque nenhuma língua é uma estrutura homogênea e uniforme. Qualquer língua se multiplica em inúmeras variedades a tal ponto que muitos chegam a dizer que atrás de um nome – português – por exemplo, se escondem, de fato, muitas línguas.

Trata-se aqui, por exemplo, de variedades geográficas (os chamados dialetos), sociais (os dialetos urbanos e rurais, os jargões profissionais, as gírias, os registros e os gêneros próprios de cada atividade humana) e estilísticas (variedades próprias da fala, da escrita, estilos formais ou informais, familiares ou vulgares).

Acrescentemos a toda essa gama de variedades as peculiaridades de fala e escrita de cada um dos falantes (afinal, não há duas pessoas que falem ou escrevam exatamente do mesmo modo) e começaremos a ter uma idéia da imensidão da língua.

E essa complexidade toda se amplifica enormemente, se considerarmos ainda alguns fenômenos corriqueiros do funcionamento social da língua. Lembremos, por exemplo, que, em situação de uso, um enunciado pode sempre significar seu contrário. Assim, digo: “João é muito honesto”, mas, pelo mecanismo da ironia, faço esse enunciado significar exatamente seu oposto, isto é, que João é desonesto.

Por outro lado, um enunciado pode ter um significado bem diferente daquele que está contido em sua estrutura. Assim, alguém diz “Está frio aqui” e seu interlocutor identifica nessa expressão um pedido ou uma ordem para que as janelas sejam fechadas (sem que as janelas sequer tenham sido mencionadas!).

São dois exemplos banais, mas ilustram bem o caráter fluido e movente da língua em uso. Talvez, como falantes, nem percebamos a frequência com que jogamos com as estruturas da língua, fazendo-as significar para além delas mesmas.

A esses dois exemplos, poderíamos ainda acrescentar o imenso contingente que é o uso figurado da linguagem. Embora algumas pessoas pensem que a linguagem figurada só ocorre na poesia, nosso dizer cotidiano está repleto de comparações e gestos metafóricos e metonímicos.

Diante de todo esse quadro praticamente inesgotável de recursos, podemos afirmar que a língua é um universo infinito e em contínuo movimento. Mesmo que conseguíssemos juntar num megadicionário todas as palavras da língua (com os diferentes sentidos de cada uma delas) e apresentar numa megagramática todos os princípios que regem a construção dos enunciados estruturalmente possíveis na língua (cobrindo toda gama de suas variedades), ainda assim a língua como tal nos escaparia.

E isso porque ela não é uma realidade estática, que possa ser congelada num dicionário ou numa gramática. Ela não é um tesouro, uma mera coleção de sons, palavras e enunciados. A língua é, de fato, uma realidade dinâmica, plástica, aberta, em contínuo movimento, tal qual a experiência humana. E ela tem de ser assim, porque, de outro modo, não seria capaz de dar forma à multiplicidade de eventos de expressão e interação que ocorrem continuamente no interior da sociedade que a fala (ou, como no caso do português, das sociedades que a falam).

Assim, no mesmo momento em que estivéssemos terminando nosso megadicionário, novos sentidos estariam sendo agregados às velhas palavras, e novas palavras estariam sendo criadas ou incorporadas de outras línguas. Mesmo que conhecêssemos integralmente os princípios das alterações semânticas das palavras ou da criação e incorporação de novas palavras, sua manifestação ou direção são, de fato, imprevisíveis.

Ainda que conhecêssemos todos os princípios de construção dos enunciados da língua em todas as suas variedades, não teríamos como prever as direções do uso figurado ou do jogo com as estruturas que as faz significar para além delas mesmas.

Além disso, não podemos perder de vista outro fato importante para apreendermos a complexidade da língua: ela passa continuamente por processos de mudança que vão alterando sua configuração estrutural. Sabemos ainda pouco de como se dão esses processos. Sabemos, no entanto, que eles atuam permanentemente e parecem emergir justamente do encontro das variedades.

As diferentes maneiras de pronunciar ou de estruturar os enunciados criam um caldo propício à mudança. Os linguistas costumam dizer que a mudança emerge da heterogeneidade, isto é, fenômenos típicos de algumas variedades acabam por ser adotados progressivamente por falantes de outras variedades, resultando em alterações na pronúncia ou na estrutura dos enunciados destas últimas. E esse é um processo contínuo, impossível de ser estancado.

Apesar de tudo que apontamos aqui, há quem não perceba a enormidade e a dinâmica da língua e acredite que ela pode ser reduzida a meia dúzia de regrinhas.

Mesmo que nos restringíssemos à chamada língua-padrão, que alguns, infelizmente, tratam como camisa-de-força a ser amarrada nos falantes para limitar ou impedir suas ações de fala ou escrita, veríamos que também ela não escapa da variedade, da mudança nem do movimento contínuo.

É uma ilusão achar que podemos abarcar a língua em sua totalidade. Ilusão maior, porém, é querer domar a língua, estancar sua dinâmica, fixá-la num monumento pétreo. Isso não significa que devemos desistir de estudá-la cientificamente. Quanto mais a compreendermos, mais compreenderemos a nós mesmos, seres de linguagem que somos. Temos, no entanto, de estar cientes de que a língua sempre nos escapa. E nos maravilharmos com isso.

Por outro lado, embora a chamada língua-padrão seja também um “peixe ensaboad”, isso não significa que não devemos nos ocupar dela. Não pode ser desmerecida sua importância sociocultural como uma tentativa de se construir um espaço de relativa unidade por sobre a imensa variedade da língua (em especial para eventos de escrita e para os meios de comunicação de massa).

Para que a língua-padrão cumpra de fato esse seu papel, nós precisamos superar criticamente a cultura do erro que tem sido tradicionalmente associada a ela entre nós, substituindo essa atitude negativa, inquisitorial, condenatória por uma atitude condizente, seja com sua relevância sociocultural, seja com sua dinâmica.

Adaptado de GERALDI, João Wanderley. In: *Discutindo Língua Portuguesa*. Ano 1, n.º 2, jan, 2006.

31. Segundo o TEXTO III, uma das propriedades mais impressionantes das línguas humanas é o fato de que qualquer língua “faz uso infinito de meios finitos”. As alternativas a seguir são expressão dessa propriedade, EXCETO.

- A) O número de sons da fala de que se serve uma língua é finito.
- B) O número de suas palavras, embora imenso, é finito.
- C) O número de regras com as quais organizamos os enunciados é finito.
- D) O número de enunciados possíveis numa língua é infinito.
- E) O número de significações possíveis para uma palavra é infinito.

32. Mesmo considerando a propriedade destacada na questão anterior, o autor do TEXTO III adverte para o fato de que não basta descrever a língua para alcançar sua apresentação científica completa, porque

- A) como a língua não se esgota em sua estrutura, temos de considerar também seu funcionamento social.
- B) como a língua é fonte inesgotável de sentidos, nunca podemos falar sobre seu funcionamento.
- C) a língua escapa a qualquer análise sistemática, e como exemplo disso, tem-se o fracasso da gramática normativa.
- D) só o contexto pode assegurar ou confirmar as análises empreendidas sobre a estrutura da língua.
- E) o uso da língua é diverso, e essa heterogeneidade deixa marcas claras na estrutura sintática.

33. Segundo o TEXTO III, “Embora algumas pessoas pensem que a linguagem figurada só ocorre na poesia, nosso dizer cotidiano está repleto de comparações e gestos metafóricos e metonímicos”. O próprio autor faz uso figurado da linguagem, como destacado nos exemplos a seguir, EXCETO em

- A) “Ela não é um tesouro, uma mera coleção de sons, palavras e enunciados”. (13º parágrafo)
- B) “...ela não é uma realidade estática que possa ser congelada num dicionário” (13º parágrafo)
- C) “...alguns, infelizmente, tratam como camisa-de-força a ser amarrada aos falantes” (19º parágrafo).
- D) “Ilusão maior, porém, é querer domar a língua, estancar sua dinâmica” (20º parágrafo).
- E) “...embora a chamada língua-padrão seja um peixe ensaboad” (21º parágrafo)

34. Sobre o ensino de gramática, o TEXTO III NÃO nos autoriza a afirmar que

- A) a língua-padrão, infelizmente, tem sido tratada como camisa-de-força a ser amarrada nos falantes, para limitar ou impedir suas ações na fala e na escrita.
- B) a norma-padrão escapa da variedade, da mudança e do movimento contínuo do uso da língua. Ela assegura a dinâmica e a relevância sociocultural da expressão lingüística.
- C) é uma ilusão achar que podemos abarcar a língua em sua totalidade. Ilusão maior, porém é querer domar a língua, estancar sua dinâmica, fixá-la em meia dúzia de regrinhas.
- D) a norma-padrão é uma tentativa de se construir um espaço de relativa unidade sobre a imensa variedade da língua, em especial, para eventos de escrita e para os meios de comunicação de massa.
- E) precisamos superar criticamente a cultura do erro que tem sido tradicionalmente associada ao estudo da língua-padrão, abolindo a atitude negativa e inquisitorial que a ela está associada.

35. Todas as alternativas a seguir foram apresentadas pelo autor do TEXTO III na discussão a respeito da heterogeneidade lingüística, EXCETO.

- A) As variedades lingüísticas que representam um traço geográfico, os chamados dialetos.
- B) As variações lingüísticas que têm expressão social, os dialetos urbanos e rurais.
- C) Os jargões profissionais, os registros e os gêneros próprios de cada atividade humana.
- D) A variedade de estudos que os lingüistas vêm desenvolvendo sobre a língua portuguesa.
- E) As variedades próprias da fala, da escrita, dos estilos formais/informais, familiares e vulgares”.

36. Considerando a necessidade de tratamento da heterogeneidade da língua, o autor do TEXTO III afirma que “a língua é um universo infinito e em contínuo movimento”. Para dar conta dessa realidade diversa, um ensino centrado na perspectiva do letramento deve considerar as ações apresentadas nas alternativas a seguir, EXCETO.

- A) O desenvolvimento da habilidade de lidar com diferentes gêneros de texto, considerando suas especificidades, finalidades e usos sociais numa atitude de inserção efetiva no mundo da escrita.

- B) O engajamento da escola na erradicação das dificuldades cognitivas, morais e sociais daqueles que não dominam os usos sociais da leitura e da escrita.
- C) A superação da condição de subalternidade da pessoa menos letrada, quando participa de práticas sociais letradas no contexto da sociedade grafocêntrica contemporânea.
- D) O domínio do código que nos habilita a ler e a escrever, ou seja, o domínio de uma tecnologia, para exercer a arte e a ciência da leitura e da escrita.
- E) A articulação de diferentes níveis da estrutura de uma língua, como a fonologia, morfologia e sintaxe, para desenvolver a capacidade de ler ou escrever gêneros diversos.

37. As alternativas a seguir representam práticas de um ensino da língua centrado na perspectiva do letramento, EXCETO.

- A) Ensinar as formas mais padronizadas e prestigiosas da língua, lembrando que elas são necessárias, mas não, suficientes, para o sujeito atuar com autonomia na sociedade grafocêntrica.
- B) Explorar as características do código escrito, partindo das referências do aluno, sem esquecer que a diversidade do universo das práticas sociais de leitura/escrita deve entrar na sala de aula.
- C) Revitalizar o ensino da gramática formal, porque a mecânica das análises sintáticas e morfológicas faz as crianças aprenderem a ler/escrever melhor.
- D) Abolir a ênfase no ensino da taxonomia, pois, no uso real da língua, ninguém se depara com a necessidade de classificação de palavras ou orações.
- E) Ensinar e criar condições para que o português-padrão seja aprendido, considerando qualquer outra hipótese como um equívoco político e ideológico.

38. Quando na aula de Língua Portuguesa, um professor comenta o TEXTO III com afirmações do tipo “a oralidade está para o pensamento concreto e prático assim como a escrita está para o raciocínio abstrato e lógico” e “a oralidade está ligada ao cultivo da tradição, enquanto a escrita caracteriza a inovação tecnológica”, ele está agindo, conscientemente ou não, segundo um modelo teórico da compreensão da relação fala-escrita que está CORRETAMENTE nomeado em

- A) Perspectiva Dicotômica.
- B) Visão Culturalista.
- C) Abordagem Variacionista.
- D) Tendência Sociointeracionista.
- E) Paradigma Pluralista.

39. Quando na aula de Língua Portuguesa, um professor comenta o TEXTO III com afirmações do tipo “a fala é dependente do contexto, redundante e fragmentária, e a escrita é descontextualizada, condensada e completa” e “a fala é não-planejada e imprecisa, enquanto a escrita é planejada e precisa”, ele está agindo, conscientemente ou não, segundo um modelo teórico da compreensão da relação fala-escrita que está CORRETAMENTE nomeado em

- A) Tendência Sociointeracionista.
- B) Visão Culturalista.
- C) Abordagem Variacionista.
- D) Perspectiva Dicotômica.
- E) Paradigma Pluralista.

40. Quando na aula de Língua Portuguesa, um professor comenta o TEXTO III com afirmações do tipo “como modalidades de uso da língua, fala e escrita empreendem formas diversas de expressar sua situacionalidade, coerência e dinamicidade” e “negociação e dialogicidade são características constitutivas da língua, portanto marcam tanto a fala quanto a escrita”, ele está agindo, conscientemente ou não, segundo um modelo teórico da compreensão da relação fala-escrita que está CORRETAMENTE, nomeado em

- A) Visão Culturalista.
- B) Abordagem Variacionista.
- C) Perspectiva Dicotômica.
- D) Paradigma Pluralista.
- E) Tendência Sociointeracionista.